

# Observatorio

Mas quem foi que disse aqui ou alhures que o sr. Cicero Dias não era pintor, e que não tinha talento, e que não pretende agradar quando concebera a sua pintura?

Seria eu o ultimo dos criticos se asseverasse sobre o artista pernambucano qualquer juizo, a este respeito. Como se pode ajuizar do que se não conhece.

Acredito que o sr. Cicero Dias é pintor, como acredito em Deus. E' a fé que me assevera que na formosa cidade mauricia ha um homem que pinta alguma coisa mais do que o sete. Como testemunha da existencia de Deus temos a sua grande obra, a natureza com tudo o que nos deslumbra, desde o insecto que zumbe até a mulher que ama. Do sr. Cicero Dias, porém, sei que existe de ouvido pois até este momento jámais consegui vêr uma das suas obras, — isto é qualquer affirmação da sua actividade vital. Por onde se vê que é mais facil provar a existencia de Deus do que a de Cicero.

E' que (jóvier?) é que aquillo faz parte do programma. O socio veio á fala para elogiar o companheiro cuja face artistica não estava em jogo.

Veio sob o pretexto de defender a bruta "gaffe" em que fui comparsa, mas para mostrar logo a marca da fabrica começou por dizer que o genio da pintura, aqui no norte, não dá satisfações ao gosto da maioria. Pois se a Constituição lhe garante outras prerogativas...

Chamam a esses grupelhos de elogio mutuo — igrejinha. Olhem lá que isto não é nada novo. O espirito academico é o elogio mutuo.

O processo quasi esquematico é este: — Meninos, quem é o maior sociologo do Brasil? — (vozes) E' o Gilberto.

E o Gilberto, solenne como um monumento ou perverso como um miliciano espanhol:

— Meus amigos, qual é o nosso maior romancista?

— (Vozes) Olivio Montenegro!

— (Outras vozes) Zé Lins!

— O. M. — Restricções ao meu nome.

— Z. L. — Restricções ao meu nome.

— Olivio: E o nosso maior psychologo?

— Todos em côro: é o Sylvio!

— Sylvio. E o nosso maior artista?

— Todos — E' o Cicero!

Bravos, confusão, apertos, risadinhas. Fechou a rosca.

E' deste tribunalzinho que chovem as sentenças capitaes em nome do pensamento moderno, em nome da arte moderna, em nome da intelligencia moderna, em nome de tudo quanto é moderno, sobre os que não se submettem á canga dessa mocidade que só é realmente moça porque não tem a experiencia da vida.

Attribuem-se o privilegio do talento. Provam entre um copo de absinthio (?) e a fumaça de um cigarro, numa mesa do Dudú, ou duma taverna consemelhante que todo o resto da humanidade não passa de uma grandissima cavalgadura e toca para frente.

Estou daqui a vê-los depois duma esbornia puxada a boas bebidas ( $C^2H^6O$ ), como já á luz da madrugada vizinha elles entre um dito e um bocejo se admiram e se julgam:

— Mas deixem lá que nós temos talento p'ra burro!

A. M.